

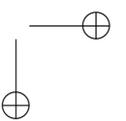
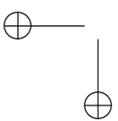
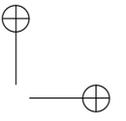
**Ludwig Feuerbach:
Do Homem para Deus ao
Homem-Deus.
A Fé e o Milagre**



Vanessa Martins

2009

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2009

FICHA TÉCNICA

Título: *Ludwig Feuerbach: Do Homem para Deus
ao Homem-Deus. A Fé e o Milagre*

Autor: Vanessa Martins

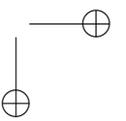
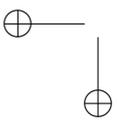
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

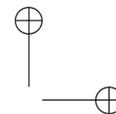
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2009





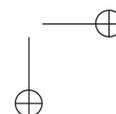
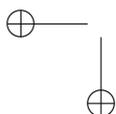
Ludwig Feuerbach: Do Homem para Deus ao Homem-Deus. A Fé e o Milagre*

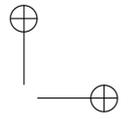
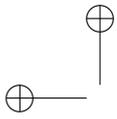
Vanessa Martins

Conteúdo

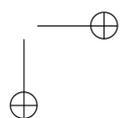
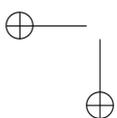
INTRODUÇÃO	5
1. A Fé que Opera Milagres	8
1.1. A Fé	8
1.2. O Milagre	10
2. <i>O Segredo da Fé –</i> <i>O Segredo do Milagre em L. Feuerbach</i>	12
2.1. O Desejo como Essência da Fé	12
2.2. A Necessidade da Fantasia do Milagre	14
3. Divino, Humano. Projecção e Equilíbrio	16
CONCLUSÃO	20
BIBLIOGRAFIA	22

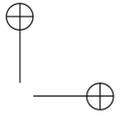
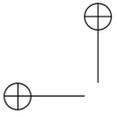
*Texto apresentado no âmbito do Seminário de Filosofia da Religião, Semestre de Verão 2008-09 – Mestrado em Filosofia - Ética e Política, da Universidade da Beira Interior / Covilhã (Instituto de Filosofia Prática e Departamento de Comunicação & Artes)





*«A fé constitui um capital doméstico e privado
comparável ao que no plano público são as Caixas Económicas e
as Mutualidades às quais se recorre nos dias de aflição para
satisfazer as necessidades.»
J. W. Goethe*



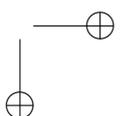
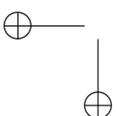


INTRODUÇÃO

Num tempo em que, no meio de conflitos, epidemias, crises económicas e confrontos que parecem não ter fim, o questionamento pelo divino e pelos seus desígnios é cada vez mais posto em causa e, em alguns casos, nem existe já uma crença ou um reconhecimento religioso. Neste sentido, parece-nos fundamental um trabalho onde analisaremos a importância da fé, abordando a questão do milagre, auxiliando-nos do autor Ludwig Feuerbach e da sua obra *A Essência do Cristianismo* mas sentindo-nos com a permissão (e o dever) de utilizar outras obras ou autores sempre que nos pareça necessário e imprescindível.

O presente do homem é uma constante luta entre crença e descrença, luta que tem como fim último a realização do ser humano, que tenta compreender se esta realização acontece mais facilmente crendo em Deus e acolhendo-o ou d?Ele se libertando, para assim ser ele mesmo o responsável único pelo desbravar dos seus caminhos: *“El término «conflicto» resulta demasiado restringido para englobar las variaciones de una relación entre fe e increencia caracterizada por una «tensión» dialéctica permanente. La contraposición más explícita o virulenta es propia de determinados momentos histórico-culturales, que pertencerían más bienal pasado; en otros momentos surgen espacios para la apertura, el acercamiento comprensivo y el diálogo honrado y riguroso, es decir, para la escucha, el aprendizaje y el cuestionamiento recíproco.”*¹ O questionamento da importância da fé terá, neste sentido, um lugar

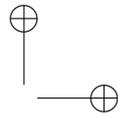
¹ «O conflito crença-descrença», Santiago del Cura Elena (Faculdade de Teo-



importante neste trabalho, na medida em que esta interfere com o sujeito crente e com toda a sua vida quotidiana.

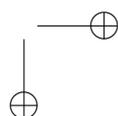
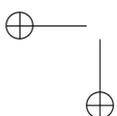
Tentaremos em primeiro lugar encontrar uma verdadeira significação para fé, analisando a sua importância, não apenas num estudo de Teologia, mas sobretudo no homem comum, na sua oração e na sua expectativa religiosa. A Fé é, em primeiro lugar, a adesão a uma pessoa na confiança e só num segundo momento a sua compreensão e a aceitação do seu testemunho, sendo portanto necessária uma aplicação da razão aos conteúdos da fé. A fé tem de ser, necessariamente, a adesão livre a Deus, que dá uma nova compreensão à existência humana e ao mundo. Só após compreendermos esta interpretação do conceito de fé, que explanaremos adiante, poderemos passar à questão do milagre, definido comumente como um acontecimento que supera as possibilidades naturais, causado pela onipotência de Deus. Conduziremos esta análise do milagre com exemplos bíblicos que a sua compreensão seja mais facilmente adquirida pelo acompanhamento de exemplos concretos, culminando no exemplo mais denso de toda a sagrada escritura: a ressurreição de Jesus Cristo. Examinaremos em seguida o capítulo em que Feuerbach se debruça sobre este tema, no seu capítulo d' *A Essência do Cristianismo* intitulado *O Segredo da Fé – O Segredo do Milagre*, capítulo onde procura a pequenar a importância do milagre, apresentando-o como o poder da imaginação, que apenas é reconfortante para o homem. Mas veremos isso mais adiante, procurando contrapor com os dois primeiros capítulos (Fé e Milagre, respectivamente) e tentando reflectir sobre a fidelidade desta análise feita por Feuerbach, uma vez que ele coloca as questões da fé e do milagre num patamar abaixo àquele onde os crentes os posicionam. Isto porque este autor desloca a divindade de um Deus exterior ao homem para o próprio Homem. A Religião diz muito mais sobre o homem do que sobre qualquer outro saber

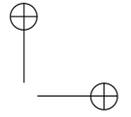
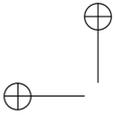
logia – Burgos), in AAVV, *O presente do Homem, o Futuro de Deus*, Congresso Internacional de Fátima, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2004, p. 239.



ou Ser. O que a Religião diz, diz bem, mas di-lo sobre o sujeito errado, os predicados atribuídos a Deus deviam ser atribuídos ao Homem. Não falamos aqui do homem singular mas do Homem no seu conjunto, a Humanidade, tendo ela todas as condições para se tornar no que realmente pode ser: Deus. Tudo o que dizemos de Deus é *secundum nos*, se for *secundum te* entramos numa via apofática: Deus não é mortal, Deus não é injusto... entrando assim, pela negação constante, num ateísmo. Feuerbach não é ateuista, mas humanista. Para este autor, Deus vale o que vale aquele que o projecta. É portanto por isto que a questão do milagre é para ele um tanto ou quanto caricata, sendo o Homem o principal responsável pelas mudanças que tanto espera que advenham pela acção divina.

Propomo-nos por isso a analisar fé e milagre à luz do cristianismo e da sua importância para o povo crente, contrapondo depois esta visão com a reflexão deste autor, tentando estabelecer um equilíbrio, uma ponte entre a fé dos crentes virada para Deus e a fé de Feuerbach virada para o Homem, numa reflexão acerca da projecção que este autor faz face ao papel divino que, querendo contrariar Hegel e a sua total projecção do divino, se inclina para o extremo oposto, projectando toda a divindade no Homem. Tentaremos portanto “peneirar” o pensamento de Feuerbach, desfazendo-nos dos seus preconceitos perante o transcendente e beneficiando com o importante papel confiado ao homem, que até aí era descrente de si mesmo, procurando encontrar um possível equilíbrio entre a fé católica e a optimização do humano em Feuerbach, intentando sempre não cair numa apologética da religião católica, visto não ser esse o propósito desta reflexão que se quer, acima de tudo, de ordem filosófica, e descortinar assim um ponto em que o Homem, crendo em Deus, também se acha a si próprio capaz de estabelecer e ultrapassar as suas metas, responsabilizando-se a si mesmo e percorrendo os seus caminhos com inteira coragem, sabendo-se capaz por si próprio de atingir os seus objectivos, a sua realização, e encontrando em Deus apenas a força para as acções que dependem





exclusivamente da sua força, enquanto *homo faber*, ser terreno que usa do seu engenho mas que confia inteiramente em Deus.

1. A Fé que Opera Milagres

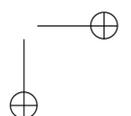
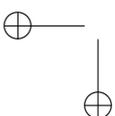
1.1. A Fé

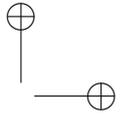
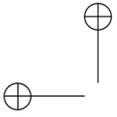
*“Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo.”*²

A Fé da tradição judaico-cristã está mergulhada na história: não encontra um fundamento para toda a realidade, tentando explicar o mundo, mas assume que Deus entrou na história dos homens por Jesus Cristo, mantendo-se hoje presente na história através da Igreja e da sua Palavra e Sacramentos. A Fé implica, portanto, uma comunhão do Homem com Deus, na medida em que o conteúdo dessa fé, o seu objecto, é o Deus vivo revelado em Jesus Cristo.³ Para a Igreja católica e todos os seus seguidores, a fé é um dom divino, e quem o recebe acolhe com esse dom uma vida marcada pela simplicidade e pela contemplação, não filosófica, mas cultivando uma atitude perante as coisas, entendendo que estas, na sua profundidade, remetem para o Criador. A Terra e o Céu são as-

² Gn. 2; 7.

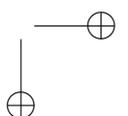
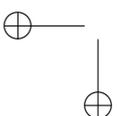
³*“La existencia humana se realiza conforme a su destino cuando se orienta hacia la consecución de la imagen de Dios. (...) O en Cristo o en Adán; he ahí las dos únicas posibilidades que se ofrecen a la opción humana.”* Juan L. Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios, Antropología Teológica Fundamental*, Editorial Sal Terrae, Bilbao, s.d., p. 81.

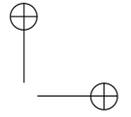




sim criações divinas que é necessário respeitar e louvar. A Fé é portanto fé na oração, na exaltação e devoção para com o divino. A oração é, pois, tida como uma verdade religiosa. A fé tem de possuir, deste modo, quer pelas orações, celebrações ou sacramentos, uma linguagem específica, já que não é um conhecimento, mas sim uma experiência pessoal (ainda que parta de uma fé comum e tradicional) do que transcende a compreensão humana. O próprio Feuerbach define a fé, como veremos adiante, como a “*confiança na realidade do que é subjectivo, por oposição às barreiras, isto é, às leis da Natureza e da razão, quer dizer da razão natural*”⁴. É precisamente por se debruçar sobre uma realidade subjectiva que encerra em si dificuldades específicas na sua linguagem. Já que a fé nasce de um colectivo, de uma comunidade e de uma tradição, é obrigada a contar com expressões comuns que possam facultar uma norma a essa mesma fé, como os dogmas o fazem. Os outros e a tradição são assim, elementos base na religião e na fé católicas, sendo o sujeito particular um ponto secundário perante toda a humanidade. Para a Razão, Deus é realidade misteriosa, infinita, inabarcável, transcendente. Mas para os crentes, a inteligência, porque humana, é finita, limitada na sua capacidade de abarcar a realidade que pretende compreender. Por isso, a inteligência, só interiormente modificada pode ser uma faculdade envolvida no acto da fé. Para o catolicismo, é através de sinais que recebemos que a razão humana descobre a origem divina da Religião Cristã. Só assim o homem pode aderir todo, também com a sua inteligência, a realidades sobrenaturais e transcendententes que constituem o objecto da religião. A Fé parte, portanto, de uma experiência humana, onde a inteligência se exercita na procura da verdade. Não podemos procurar na fé a segurança de quem vê (a crença não pode ser uma evidência), é por isso normal que haja dificuldades e até dúvidas no processo da fé. É dentro destes sinais divinos o ho-

⁴ Ludwig Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Julho de 2008, p.151.

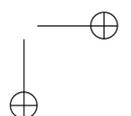
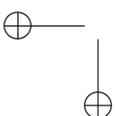


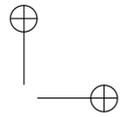


mem pode, com a sua inteligência, apreender a verdade religiosa, conquistando a fé. Dentro destes sinais distinguimos os milagres.

1.2. O Milagre

Tradicionalmente define-se o milagre como acontecimento que supera as possibilidades naturais, causado pela onipotência de Deus, em substituição das causas naturais. As ciências naturais pretendem que tudo se explica por leis de causalidade intra-mundanas enquanto a Teologia diz que Deus não é mais uma causa ao lado das outras. O milagre entendido teologicamente não é uma alteração das leis físicas de uma causa primeira mais imediata – Natureza -, mas sim de uma causa segunda – o desígnio de Deus -. A intenção de Deus não é de causa-efeito, por isso se diz correntemente que “Deus escreve direito por linhas tortas”. O desígnio divino está portanto acima de quaisquer leis físicas, tudo pode. Por isso é difícil à razão aceitar esta fé e por isso esta fé dá aos crentes uma esperança inabalável. As narrações de milagres ocupam grande espaço nos evangelhos, apresentando assim a vida de Jesus Cristo como a realização contínua da fé, culminando na sua entrega por nós. Há no entanto uma dificuldade ao encarar o milagre: a sua historicidade. A moderna atitude crítica face ao milagre deriva de uma mentalidade acima de tudo científica, que caracteriza os tempos que correm. Há, por isso, um certo cepticismo histórico face aos milagres e aos seus relatos. Não podemos, contudo, esquecer que estes relatos têm sobretudo uma intenção teológica, sendo expressões de fé carentes de uma hermenêutica cuidada, na medida em que não pretendem tanto descrever os factos tal como aconteceram mas antes expressar a fé sobre a mensagem e a salvação que provém de Jesus Cristo.

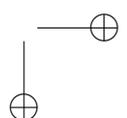
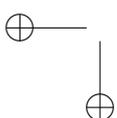


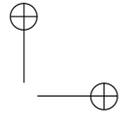
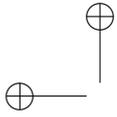


Lendo, ainda que de uma forma crítica, os Evangelhos, admitimos que Jesus fez realmente a cura de certas doenças, geralmente interpretadas como possessão de espíritos, tendo assim intervenções no curso normal da natureza. Não há portanto possibilidade de uma explicação desses milagres pelas leis de causalidade intramundanas. O milagre não supera qualquer lei da Natureza, visto actuar a um outro nível acima do sensível. O seu reino de acção é diferente. Os acontecimentos extraordinários de Deus não são, portanto, excepções à regra, ou intervenções na natureza. É isto que, sendo tão claro para o crente, é tão árduo de aceitar para o homem do mero intelecto e das ciências. O milagre traz consigo, logo, a mensagem pessoal de Deus, numa interpelação fora do comum, para assim mostrar a sua força e capacidade de acção. São, portanto, a verdadeira epifania de Deus e por isso um convite para a Fé. Só a fé que reconhece nos milagres a intervenção de Deus e só ela se apercebe das transformações que hão-de afectar positivamente este mundo mortal quando estiver totalmente invadido pelo Reino de Deus, numa esperança constante por um futuro novo. Os milagres, são, assim sendo, sinais pressupostos para as grandes transformações no homem e no mundo.

Os milagres que Jesus Cristo efectuou são formas de revelar que é o enviado de Deus para salvar a humanidade, numa função de legitimação da autenticidade desta personagem histórica, evidenciando a sua graça, a sua filiação a Deus e consciência dessa mesma filiação, assim como todos os seus poderes divinos. Falar de milagres, falar dos milagres que Jesus operou por toda a humanidade, é uma ajuda à compreensão de toda a doutrina católica. Para o povo crente, há, contudo, milagres que são a própria doutrina. Falamos particularmente da ressurreição de Jesus Cristo que, morrendo por todo o povo, anuncia um novo começo, cheio de esperança, com a sua ressurreição.

O fim do dia em que Jesus morreu crucificado foi para os seus discípulos o fim de todas as esperanças, numa desilusão e desori-





entação compreensíveis. Portanto, a experiência de Jesus ressuscitado do sepulcro onde se encontrava na madrugada do Domingo seguinte é para os discípulos o ressurgir da esperança, reencontrando-se com a missão que, antes desse milagre, parecia incerto continuar.

Perante a negação e a crítica do milagre, alguns autores, como Lessing, partem para uma sistematização e distinção entre o racionalismo e a ortodoxia das Igrejas.⁵ Partiremos agora para a análise que Feuerbach faz tanto da fé como do milagre.

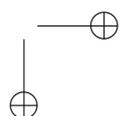
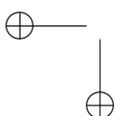
2. O Segredo da Fé – O Segredo do Milagre em L. Feuerbach

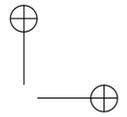
2.1. O Desejo como Essência da Fé

Na sua *Essência do Cristianismo*, Feuerbach mostra que a consciência do objecto pode estar distinguida da consciência de si, no caso da relação do homem com os objectos sensíveis. No entanto, no que respeita à relação humana com o objecto religioso, a consciência deste coincide com a consciência de si mesmo: “*O objecto sensível está fora do homem, o objecto religioso está nele, é mesmo um objecto intrínseco (...) um objecto íntimo, e mesmo o mais íntimo, o mais próximo de todos.*”⁶ É neste sentido que pretendemos

⁵ Cf. Alfredo Teixeira, *A Ressurreição de Jesus Cristo*, História e Fé, Épheta, Lisboa, 1993, pp 16,17.

⁶ Ludwig Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Julho de 2008, p. 22



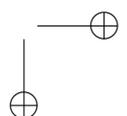
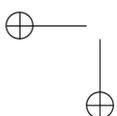


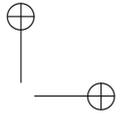
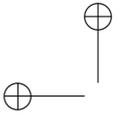
conduzir esta análise a Feuerbach. Se ele começa o capítulo que dedica às questões da fé e do milagre (*O Segredo da Fé – O Segredo do Milagre*) dizendo que a oração é uma verdade religiosa, apenas tendo força uma oração de fé, e que o milagre e a fé são indissociáveis, sendo a fé a alma do milagre e o milagre a face exterior da fé⁷, logo de seguida nos apercebemos da sua negação a estes temas explorados teologicamente, opondo-se aos dogmas da Igreja e defendendo uma religião mais positiva, mais verdadeira e mais própria de cada homem. No seu discurso parece querer-nos conduzir de uma forma bastante implícita, fazendo-nos primeiramente acreditar num certo elogio à fé, para logo depois nos mostrar a sua incoerência.

A fé e oração são indissociáveis, na medida em que uma necessita da outra para se fundar, identificando-se uma com a outra no que diz respeito ao milagre, só tendo força para o alcançar através da fé e da oração. A essência da fé é um carácter ilimitado e sobrenatural da subjectividade, uma vez que, como já vimos, a fé acredita nas alterações físicas de uma causa segunda, menos imediata à compreensão humana, que é o desígnio divino, aceitando que a intenção de Deus não é uma intenção de causa-efeito. Feuerbach segue também esta linha de raciocínio, mostrando que a fé apenas se refere ao que objectiva a realidade do ânimo humano, dos desejos humanos, saltando o muro das leis naturais e racionais. A fé é portanto libertadora dos vínculos objectivos, tornando por isso o homem feliz na medida em que lhe satisfaz os seus desejos mais subjectivos e assim impossíveis de concretizar num mundo que se rege por leis físicas e objectivas. Nesta transformação do subjectivo em objectivo, a fé faz desaparecer o princípio da dúvida: o crente não duvida, o crente sabe que não há limitações: “*A fé não é senão a fé na liberdade absoluta da subjectividade.*”⁸ Este mundo é

⁷ Vide Ludwig Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Julho de 2008, p. 151.

⁸ Idem, p. 152.



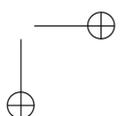
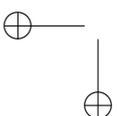


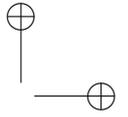
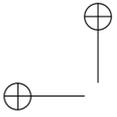
demasiado pequeno, vulgar, não tem sequer importância, visto que para lá dela existe uma outra realidade, uma realidade sem limites e onipotente. A fé pressupõe, pois, que tudo o que o homem deseja. O homem deseja ser imortal, logo é imortal; deseja que exista um ser superior às leis da natureza, um ser onipotente, portanto esse ser existe. Deseja um mundo onde reine a felicidade e, ainda que esse outro mundo exista, este, que tão oposto é ao desejado, tem de desaparecer, num declínio real. O crente só pode, pois, ter fé nestes desejos que deverão ser cumpridos, como já foram anteriormente, e estão registados historicamente, amor por esse ser que tudo pode e esperança nesse cumprimento tão esperado. São estes os três constituintes da trindade cristã: fé, amor e esperança.

Exploramos aqui a primeira parte do capítulo da *Essência do Cristianismo* que se debruça sobre as questões da fé e do milagre, que funciona como uma introdução ao mesmo capítulo, ainda desvende já a importância do desejo na existência da fé, uma vez que sem ele o crente não necessitaria de acreditar, na medida em que uma mudança era para ele indiferente, sem qualquer razão de ser. Na medida em que o homem, com as limitações que encontra em si mesmo, deseja superá-las, ou encontrar uma perfeição, Deus assume o papel de saciar esses desejos. A fé, aos olhos de Feuerbach, não é portanto outra coisa senão a indicação e o preenchimento desses desejos.

2.2. A Necessidade da Fantasia do Milagre

O milagre, sendo como já vimos o conteúdo essencial da fé, não passa portanto desse desejo humano sobrenatural tornado realidade, é a satisfação desses desejos humanos que são transcendentais e sobrenaturais, só aceites pelo acto de fé.





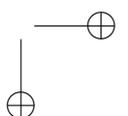
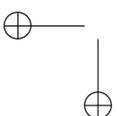
Tal como o desejo instantaneamente toma conta da fé, assim também o milagre é imediato e repentino, tornando-o por isso tão apetecível. O milagre distingue-se então dos acontecimentos da natureza pelo seu *modus*, pela forma como acontece, visto ser a actividade milagrosa uma actividade finalizada, virada logo no seu início para um fim: a satisfação do desejo humano. Mas esta actividade milagrosa distingue-se de uma simples actividade finalizada: aquela realiza um fim sem o recurso a quaisquer meios; sem a necessidade de uma quebra, uma espera entre o desejo e o cumprimento; sem ter de ser um processo por etapas. Assim, o milagre não pode ser aceite pela razão, é impensável, sem sentido na medida em que, sem a necessidade de quaisquer meios, o acontecimento do fim esperado, acontece, num salto no tempo, no espaço e nos meios, se assim for exigido pelas circunstâncias em que acontece. A razão não pode racionalizar algo que, tão inesperadamente, sem aviso prévio e sem condições, actua e concretiza o esperado:

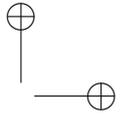
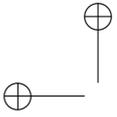
*“Mas a transformação oculta a contradição, porque se introduz nela a representação natural da alteração. Só que não se trata de uma transformação gradual, por assim dizer orgânica, mas de uma transformação absoluta, sem matéria – uma pura creatio ex nihilo.”*⁹

O milagre é fugaz, faz com que as coisas se confundam, na medida em que uma pode, no instante seguinte, tornar-se noutra, como é o exemplo bíblico das Bodas de Canã que Feuerbach cita¹⁰ para melhor ilustrar o facto de o milagre, não sendo pensável, não pode também ser um objecto dos sentidos, visto o homem ver a água e esta, no mundo da possibilidade do milagre, se confundir com vinho, deixando as coisas de terem a sua própria essência. Não sendo passível de racionalizar, não fazendo parte dos dados dos sentidos, o milagre encontra-se no campo da imaginação, justificando-se assim o reconforto que este trás às almas crentes: a fantasia destrói

⁹ *Idem*, p. 156.

¹⁰ Jo. 2; 1-10.



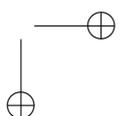
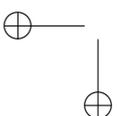


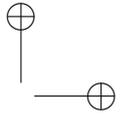
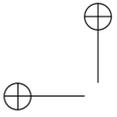
todas as paredes, todos os muros de pedra que impedem a realização do pretendido. Assim, o milagre tudo pode, porque pertence à fantasia, satisfazendo toda a subjectividade humana.¹¹ O ânimo não se preocupa com o mundo objectivo, é feliz em si, sem a cultura que eleva o indivíduo e o faz progredir de uma subjectividade até uma contemplação do mundo, contemplação essa objectiva. O milagre não apresenta a necessidade do esforço, da cultura, da contemplação. O cristianismo nasceu de homens do povo, que viviam com o seu ânimo, e por isso se propagou por entre povos e povos. O espírito da objectividade delimita-se por leis, por limites impostos a si mesmos. O espírito crente, da subjectividade, não crê em limites, porque se aconchega na fantasia do milagre, que tudo pode, contrapondo-se assim à natureza e deixando de se identificar com ela. A fé nos milagres é, contudo, uma fé nos milagres históricos, passados, sendo portanto uma fé já morta, que se aduba para a descrença. Para este autor, portanto, o milagre não passa de produto da imaginação e da fantasia, que aqui se equivalem, sendo portanto uma ponte para que o homem se aperceba de que essa crença é apenas um reconforto interior, que nada tem de real.

3. Divino, Humano. Projecção e Equilíbrio

Após estas análises, tanto da visão teológica, como da visão que Feuerbach tem do cristianismo, acreditamos ser necessário estabelecer um ponto de equilíbrio, compreendendo que ambas as visões têm factores positivos para harmonizar a vida de um homem e tornar a sua acção mais independente mas também mais optimista.

¹¹ “É do ânimo que provém o milagre, é ao ânimo que ele retorna.” Idem, p. 157.



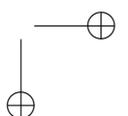
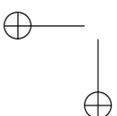


Deus pode perfeitamente continuar a ser tido como o Ser Supremo, Pai de todas as criaturas, símbolo de unidade e de máxima perfeição, tendo-nos criado à sua imagem e semelhança, dotando-nos assim da sua beleza e inteligência.¹² É nesta atitude de seres criados por Deus, é nesta fé, necessária também à nossa humildade mas também ao orgulho de sermos criaturas a quem Deus dispensa maior atenção e cuidado, que a nossa relação com Deus se constitui: “*La relación yo-tú induce una respectividad recíproca (...). No sólo Dios es el tú del hombre, sino que el hombre es el tú de Dios. Cuando Dios mira a esta criatura suya, se encuentra reflejado en ella, hasta el punto de que en un cierto momento de la historia habrá un ser humano (Jesu-Cristo) que irradiará la gloria de Dios.*”¹³ No entanto, encontramos hoje em dia um menor número de crentes, estando a relação Deus - Humano a cair num divórcio cada vez mais acentuado. Hannah Arendt justifica esta alienação com o egocentrismo corrente, numa viragem do homem para si mesmo, o que também não é de forma alguma positivo, na medida em que, não havendo projecção em Deus, também não a há no mundo, mas apenas em si.¹⁴ O homem sabe-se cada vez mais

¹² “*La beauté suprême réside en Dieu. L'idée de la beauté humaine se perfectionne à raison de sa conformité et de son harmonie avec l'être suprême, avec cet être que l'idée de l'unité et de l'indivisibilité nous fait distinguer de la matière par l'action du feu, comme un esprit qui cherche à se créer un être à l'image de la première créature raisonnable formée par l'intelligence de sa divinité.*” Paul Hazard, *La pensée européenne au XVIII Siècle*, Librairie Arthème Fayard, Paris, 1995.

¹³ Juan L. Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios, Antropología Teológica Fundamental*, Editorial Sal Terrae, Bilbao, s.d., p. 177.

¹⁴ “*A moderna perda da fé não é de origem religiosa – não pode ser atribuída à Reforma nem à Contra-Reforma, os dois grandes movimentos religiosos da era moderna – e seu alcance não se limita de modo algum à esfera religiosa. (...) A história demonstra que os homens modernos não foram arremessados de volta a este mundo, mas para dentro de si mesmos. Uma das persistentes tendências da filosofia moderna desde Descartes, e talvez a mais original contribuição moderna à filosofia, tem sido uma preocupação exclusiva com o ego, em oposição à alma, ou à pessoa, ou ao homem em geral, uma tentativa de reduzir todas as*

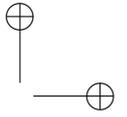
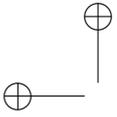


um ser competente, dinâmico e útil. É para esta consciência que Feuerbach apela. No entanto, que o Homem se optimize é uma coisa, que caia dentro de si mesmo esquecendo-se dos demais é outra completamente díspar. A necessidade do equilíbrio entre fé e razão é justamente o contributo que a fé proporciona para o Homem sair de si mesmo e ir ao encontro dos outros. O confronto Deus – Homem precisa de ser resolvido, hoje em dia Aquele aparece como um ser estranho, cada vez mais, mas na maior parte nem se sabe porque se estranha.¹⁵ É justamente para esta estranheza que este trabalho aponta: se é importante vermos no Homem um ser capaz de transformar a sua vida, sem esperar ajudas milagrosas, não o é menos importante reconhecermos Deus e aprendermos com Ele, que mais não seja, a reconhecer o próximo com um ser igual, irmão e merecedor, por isso, do máximo respeito e a compreendermos que não alcançamos a perfeição suprema, mas que podemos seguir o seu modelo.

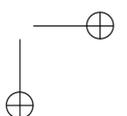
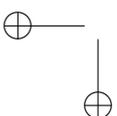
É esta possibilidade que encontramos após a leitura de Feuerbach: a projecção no Homem tem todo o sentido, torna-o optimista, senhor de si, consciente da sua força. Aliada essa força e esse empenho pessoal a um contexto de fé, o Homem ganha novas forças,

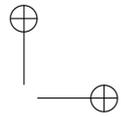
experiências com o mundo e com outros seres, a experiências entre o homem e si mesmo.” Hannah Arendt, A Condição Humana, Forense Universitária, Rio de Janeiro – São Paulo, 1997, pp. 265-266.

¹⁵ “*La extrañeza puede tornar en ocasiones la forma de un ateísmo explícito. En otros casos, se presenta como el resultado de un pensamiento rigurosamente lógico y estrictamente racional, que reconoce y acepta sin emociones los límites del conocimiento y considera irracionales todas las afirmaciones que no puedan fundarse racionalmente. (...) Pero, con más frecuencia, la extrañeza se expresa como un simple encogimiento de hombros, que no necesitaría legitimación alguna. Estamos entonces ante un desinterés intelectual y ante un desafecto volitivo por Dios y por la dimensión religiosa de la existencia; ante un comportamiento práctico de indiferencia religiosa, del que desaparece el horizonte «Dios».* «O conflito crença-descrença», Santiago del Cura Elena (Faculdade de Teologia – Burgos), in AAVV, *O presente do Homem, o Futuro de Deus*, Congresso Internacional de Fátima, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2004, p. 243.



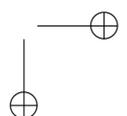
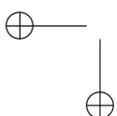
chegando assim a uma verdadeira religião, a religião que cada um sente em si, que o anima. É preciso descer do Céu à Terra, numa consciência de si e numa valorização da dimensão sensível, desvalorizada várias vezes pelo inteligível. Mas não podemos ficar pelo descer do Céu à Terra, mas realizar o Céu na Terra, porque o Céu é verdadeiro, ainda que, para os homens sem fé, seja apenas verdadeiro na imaginação que os criou.

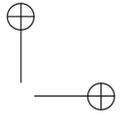
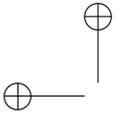




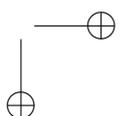
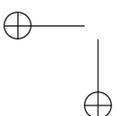
CONCLUSÃO

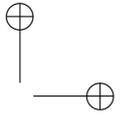
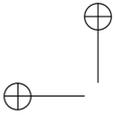
Encontrámos neste trabalho o problema de aliar um campo da Teologia a um raciocínio filosófico. Tentámos abordar a questão da fé e do milagre sem cairmos em apologias mas abordando apenas a sua importância para o Homem, com todas as consequências que essa fé traz na sua vida quotidiana. Após esse estudo da fé e do milagre na dimensão do povo crente, abordámos esses mesmos conceitos em Feuerbach, que os dispõe no campo da imaginação e da fantasia, transmitindo apenas aconchego aos crentes e sendo por isso aceites por eles. Com Feuerbach o Homem torna-se independente, indivíduo que sozinho não teme seguir em frente. É este o seu grande legado, a projecção do homem de todas as qualidades divinas. Contudo, esta análise mostrou-se-nos pobre e incompleta. Por um lado só Deus, por outro só Homem, havendo um abismo entre as duas concepções. Importou portanto seguirmos por essas diferentes abordagens do tema e estabelecermos um ponto comum. Pode parecer demasiado simples a conclusão a que chegamos com este trabalho, não correndo o risco de seguir unicamente por uma das vias, mas ver o que de bom há em ambas e uni-las, aceitando o papel de pacificadores sem a coragem de negar uma e resguardar outra; no entanto, é este equilíbrio que nos parece mais acertado, visto as duas concepções conterem em si aspectos positivos e que, juntos, podem dar ao Homem uma vida mais activa e mais plena. Sentir-se capaz de agir, sem esperar indefinidamente um milagre, mas também acreditar que é um ser criado à semelhança de Deus, e que por isso também nele há perfeição, tentando cada vez mais me-





lhorar essa perfeição o mais possível, já que Deus nos criou com a capacidade de desenvolvimento pessoal, desenvolvimento esse que só acontece com o nosso empenho.





BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah; *A Condição Humana*, Forense Universitária, Rio de Janeiro – São Paulo, 1997;

FEUERBACH, Ludwig; *A Essência do Cristianismo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Julho de 2008;

«O conflito crença-descrença», Santiago del Cura Elena (Faculdade de Teologia – Burgos), in AAVV, *O presente do Homem, o Futuro de Deus*, Congresso Internacional de Fátima, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2004;

PEÑA, Juan L. Ruiz de la; *Imagen de Dios, Antropologia Teológica Fundamental*, Editorial Sal Terrae, Bilbao, s.d.;

TEIXEIRA, Alfredo; *A Ressurreição de Jesus Cristo*, História e Fé, Épheta, Lisboa, 1993.

